

# QUANDO A ARBITRAGEM FAZ DE VEDETA...

Campo: Manuel Soares Barreto, em Sintra.

Árbitro: Crisógno Lopes, de Santarém.

SINTRENSE — Gomes; Pardal (cap.), Vítor, Madeira e Moreira; Pessegueiro e Barros; Dias, Palma, Sérgio e Marquitos.

LUSO — Conhé; Romão, Faneca, Salvador (cap.) e António Francisco; Presumido e Gomes Ferreira; Brinca, João Gomes, Micael e Joaquim Fernandes.

Ao intervalo: 1-0.

1-0, aos 36 minutos, por Sérgio.

2-0, aos 64 minutos, novamente por Sérgio.

3-0 aos 71 minutos, mais uma vez por Sérgio.

3-1, aos 79 minutos, por Gomes Ferreira, de grande penalidade.

●  
O encontro ontem disputado entre Sintrense e Luso caracterizou-se por uma série de «casos» em que o árbitro nica e exclusivamente por culpa própria, foi figura preponderante, com as suas decisões bizarras. Reservamos, todavia, para o final do comentário o esboço da actuação da equipa de arbitragem e falamos, em primeiro lugar, do jogo em si.

○ Sintrense começou a partida

com forte determinação, a que não foi estranha a velocidade imposta desde o apito inicial, não só comandando as operações em todas as zonas do terreno, como a impor-se e a carregar sobre o adversário, dando a impressão de que não lhe seria difícil chegar à vitória. As oportunidades surgidas no primeiro quarto de hora (três, pelo menos) foram tão flagrantes que, se houve surpresa, foi no desaproveitamento de tão soberanos ensejos para desfitear Conhé. E, por ironia, essas oportunidades criadas e não concretizadas, talvez se tenham tornado a razão da dureza, que, a partir de então, passou a pairar em todo o campo com o beneplácito do árbitro. Dum e doutro lado passou a haver muita entrada maliciosa, muita dureza no desarme, sem que o árbitro se impusesse.

Pelo modo como a partida decorreu no primeiro quarto de hora, tudo levava a crer que se o Sintrense tem sabido tirar partido da supremacia técnica e táctica reveladas, a toada rispida talvez não viesse ao de cima e os jogadores apenas se teriam preocupado com a bola.